

O Corvo

Edgar Allan Poe¹

Tradução de João Marcelo Naedzold de Souza²

Universidade Federal de Santa Catarina

Procurei em minha tradução manter ao máximo a estrutura original do poema, seus esquemas de rimas e aliterações, bem como a ordem e descrição dos acontecimentos; por conta disso, o ritmo e o tamanho dos versos teve de ser sacrificado em vários pontos para atingir tais objetivos.

¹ Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um escritor americano, natural de Boston, Massachusetts, famoso por seus contos e poemas com temas góticos.

² João Marcelo Naedzold de Souza, natural de Florianópolis, é graduando em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: joao.naedzold@gmail.com.

O Corvo

Era uma meia-noite umbria, enquanto pensava, quase dormia,
Sobre exótica e curiosa sabedoria olvidada –
Nessa morosa meia-morte, de súbito veio um meio-golpe,
Tal qual fora um galope, galope batendo em minha entrada.
“É uma visita”, murmurei, “batendo em minha entrada-
Tão só isso e nada mais”

Ah, distintamente lembro que era no sombrio Dezembro;
E cada brasa já morrendo forja su'alma no terreno.
Ansioso a alvorada desejara; – em vão e desespero pegara
De meus livros alívio pr'a mágoa – mágoa da Lenore não-terrena
Da rara e radiante dama que os anjos de Lenore nomeiam
Desnômina aqui por todo o mais.

E o sedoso, sestroso, incerto farfalho de cada véu purpúreo
Me arrepiava– inchava com fobias fantásticas nunca antes vivenciadas;
Para que então, contr' o palpitar de meu coração, estava eu a pronunciar
“É uma visita a procurar entrada em minha morada –
Visita tardada a procurar entrada em minha morada; –
Apenas isso e nada mais.”

Já com o rigor revigorado, deixando a hesitação de lado,
“Senhor,” disse, “ou Dama, por gentileza queira me perdoar;
Mas eu estava quase cochilando, e tão de leve vieste golpeando,
E suavemente te anunciando, anunciando à minha porta,
Que quase quedei de escutar-te” – aqui escancarar a porta; –
Negra escuridão e nada mais.

Mirando longe o abismo negro, longamente fiquei em susto e medo,
Suspeitando, sonhando sonhos ninguém sequer supôs sonhar;
Mas o silêncio era inquebrável, e a tranquilidade imutável,
E no abismo execrável, foi só dita a palavra-mor: “Lenore?”
Sussurrei isto, e o eco respondeu ao redor, “Lenore!” –
Apenas isso e nada mais.

De volta ao meu quarto andando, minh'alma em completo queimando,
Logo após ouvi uma batida mais estrondosa qu'a anterior.

“Decerto,” disse, “decerto é algo em minha treliça;
Deixe-me ver, pois, o que há na desdita, e este mistério assim expor—
Deixe meu coração parar um momento e este mistério assim expor, —
É o vento e nada mais!”

Abro rápido aqui a cortina, quando, com rapidez rapina,
Quando lá subiu suntuoso Corvo dos santos dias d'outrora;
Nem a menor mesura fez ele; nem um minuto parou ou pairou ele;
Mas, com jeito de Lorde ou Lady, pousado sobre minha porta—
Pousado no busto de Pallas sobre a minha porta—
Pousado, assentado, e nada mais.

Então este ebâneo bicho embaindo minha triste tez em um sorriso,
Pelo grave e rígido decoro e semblante espirituais,
“Mesmo teu peito estando calvo e cortado,” disse, “não estás acovardado,
Sinistro soturno e velho Corvo, vindo dos Noturnos liminais—
Qual é teu santo nome, diz, nos Plutônicos Noturnos liminais!”
Diz o Corvo “Nunca Mais.”

Muito admirei a desajeitada ave por ouvir tal discurso suave,
Ainda que sua frase pouco sentido—pouca relevância portava;
Creio ser por todos admitido que nenhum ser aqui vivido
Foi alguma vez bendito com bicho acima de sua portada—
Bicho ou besta em busto acima de sua portada,
Com nome tal qual “Nunca Mais”

Mas o Corvo, sentado no busto só, repetia, tal qual uma mó,
Aquele uma palavra, como se naquela palavra esgotasse seu princípio vital.
Nada mais então falou—nem uma pena ele balançou—
Até qu'eu pouco mais que sussurrei “Outros passaram neste local—
N'aurora ele voará, igual mi'as Esperanças que passaram deste local.”
E o pássaro disse “Nunca Mais.”

Surpreso pelo silêncio quebrado por vocábulo tão bem colocado,
“Claro,” disse, “o que fala é apenas mais do mesmo
Pego de um infeliz mentor cujo Fim desolador
Veio à sua vida se entropor até que seu canto vinha a esmo
Até qu’o endecha da sua Esperança melancólico vinha a esmo
Com ‘Nunca—nunca mais’

Mas o Corvo ainda fazia de minha tristeza alegria,
Logo pego assento macio frente a ave, efígie e porta;
Então, no veludo a sentar, comecei então a conectar
Cara a cara, a pensar o que essa ominosa ave d’outrora—
O que essa funesta, nefasta, fantasmagórica, e ominosa ave d’outrora
Dizia em grasnar “Nunca mais.”

Nisso engajava adivinhando, mas nada expressando
Pra ave cujos ardentes olhos agora queimavam meu coração;
Isto e tão mais fiquei revendo, com a cabeça em meu assento
Com veludo de revestimento o qual a lamparina fitava,
Mas cujo veludo-violeta de revestimento o qual a lamparina fitava,
Ela sentirá, ah, nunca mais!

Então, acho, o ar ficou pesado, perfumado por não-visto incensário
Oscilado por Serafim cujos passos tiniam no tufado solo.
“Miserável,” gritei, “teu Deus emprestou-te—por esses anos ele mandou-te
Dê descanso—descanso e nepente aos de Lenore teus relatos maliciosos;
Sorva, oh sorva tal gentil nepente e esqueça a Lenore que adoro!”
Diz o Corvo “Nunca mais.”

“Profeta!” disse, “coisa vil!—profeta ainda, quer ave ou hostil!” —
Quer mandado por Tentador, quer arremessado por tempestade aqui à costa,
Desolado mas aind’ arrojado, nessa terra deserta encantada—
Nessa casa por Horror assombrada—diga, imploro por resposta—
Há—há algum bálsamo em Gileade? —diga—, diga tua resposta!”
Diz o Corvo “Nunca mais.”

“Profeta!” disse, “coisa vil!—profeta ainda, quer ave ou hostil!
Por aquele Céu que se dobra sobre nós—pela Deidade por ambos amada—
Diga a esse espírito com pesar ígneo se, dentro do distante Empíreo,
Achará uma dama em seu desígnio pelos anjos de Lenore nomeada—
Uma radiante dama em seu desígnio pelos anjos de Lenore nomeada.”
Diz o Corvo “Nunca mais.”

“Seja essa palavra nosso sinal de despedida, ave ou demônio!” gritei, de voz
erguida—

“Volte para a tempestade e os Noturnos Plutônicos liminais!
Deixa nenhuma pena caliginosa como sinal dessa mentira que dialoga!
Deixa minha solidão remota! —sai do busto sobre meus umbrais!
Tira teu bico de meu coração, e tira tua forma de meus umbrais!”
Diz o Corvo “Nunca mais”.

E o Corvo, nuca voando, só ficando, só ficando
No pálido busto de Pallas logo acima de meu portão;
E os seus olhos estão aparentando os de um demo devaneando,
E a lamparina ele iluminando joga sua sombra pelo chão;
E a minh’alma daquela sombra pairando pelo chão
Será alçada—nunca mais!

The Raven

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
“Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—
Only this and nothing more.”

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost Lenore—
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore—
Nameless *here* for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating
“Tis some visitor entreating entrance at my chamber door—
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;—
This it is and nothing more.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,
“Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you”—here I opened wide the door;—
Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore?”
This I whispered, and an echo murmured back the word, “Lenore!”—
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.
“Surely,” said I, “surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore—
Let my heart be still a moment and this mystery explore;—
’Tis the wind and nothing more!”

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door—
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door—
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
“Though thy crest be shorn and shaven, thou,” I said, “art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore—
Tell me what thy lordly name is on the Night’s Plutonian shore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning—little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door—
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,
With such name as “Nevermore.”

But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered—not a feather then he fluttered—
Till I scarcely more than muttered “Other friends have flown before—
On the morrow *he* will leave me, as my Hopes have flown before.”
Then the bird said “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore—
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
Of ‘Never—nevermore’.”

But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore—
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking “Nevermore.”

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom’s core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion’s velvet lining that the lamp-light gloated o’er,
But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o’er,
She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
“Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee—by these angels he hath sent thee
Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore;
Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted—
On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—
Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!
By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting—
“Get thee back into the tempest and the Night’s Plutonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken!—quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

And the Raven, never flitting, still is sitting, *still* is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming,
And the lamp-light o’er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted—nevermore!

